

*Senhoras e Senhores,*

Muito obrigado. Queria, em pouquíssimas palavras, expressar a minha satisfação. Porque o Presidente da República acaba se acostumando a receber homenagens, mas não no fim do mandato. É mais difícil, é mais gratificante perceber, no final do mandato, que existe um grupo de pessoas que apoiou, na verdade, as modificações que introduzimos no Governo do Brasil. E, com a sua generosidade, Senhor Verner, o senhor tratou de sintetizar aqui, na área de telecomunicações. E, na verdade, o processo é muito amplo, de mudanças. E não é fruto de uma pessoa, nem de um Governo. É a sociedade que vem se transformando.

Fiquei sempre muito profundamente impressionado por uma experiência que tive, nos Estados Unidos, em 1971, por aí. Eu era professor em Stanford, em Palo Alto. E lá havia um laboratório chamado de “inteligência artificial”. E eu, naturalmente, não tinha nada a ver nem com inteligência e, muito menos, com artificial. Era professor do Departamento de Ciência Política ou de Ciências Sociais da universidade.

Mas tinha uns amigos – alguns eram chilenos, outros americanos – que trabalhavam nesse laboratório. Isso foi no final da Guerra do Vietnã. A universidade, lá em Stanford, era uma praça conflagrada, todo dia tinha manifestação, aquela coisa toda.

Esses amigos me levaram, mais de uma vez, a esse laboratório. Lá só havia retratos do Che Guevara nas paredes, o pessoal usava cabelo comprido. Mas estavam fazendo revoluções tecnológicas importantes. E estavam começando a utilizar, enfim, a introdução do que hoje seriam os meios eletrônicos e computacionais, para tentar utilizá-los no processo produtivo.

Nunca me esqueci de que havia, num computador, uma pessoa, um ente, que era psicopata. Então, a gente podia conversar com ele, escrevendo. Escrevia, respondia, automaticamente, umas frases. Num dado momento, ele queria se esconder, porque tinha medo de que fosse ser preso.

E estavam experimentando uma mão mecânica que obedecia ao comando de voz. Então: “Faça tal coisa.” Coisa simples, fazia. E, no jardim – era bonito aquilo lá – havia umas placas dizendo: “atenção”, porque tinham, lá, umas peças que se moviam sozinhas e não sei o quê. Bem, isso tudo era extremamente tosco. E, 30 anos depois, o mundo todo passou a utilizar essas tecnologias.

Então, quando fui candidato, aqui, pela primeira vez, à Presidência, em 94, com um grupo de pessoas – o Doutor Prata se lembrará disso – numa pequena casinha que eu tinha na Rua dos Ingleses, em São Paulo, que era um escritório, começamos a discutir o problema de telecomunicações. Essas pessoas eram o professor Paulo Renato, o Eduardo Jorge, o Sérgio.

Discutimos o que fazer, mas não tínhamos muita idéia. Fomos nos informando de quem eram as pessoas que sabiam alguma coisa do assunto. E me informei, com meus amigos, do setor de comunicação social, o pessoal de televisão, que me disseram o nome de algumas pessoas da Telebrás. Não vou citar os nomes porque alguns, hoje, pertencem a esse grupo aqui. E outros não, mas estão no Ministério. Eram pessoas que poderiam nos ajudar a formular alguma coisa.

E, se forem ver o programa que apresentei, em 94, para a Presidência, já estava delineado ali o que achávamos que era necessário fazer, para dar uma mudança no setor de telefonia.

Se nós não tivéssemos feito isso – não digo feito o programa –, se o Brasil não tivesse despertado para essa questão, nós perderíamos a oportunidade que hoje temos de dar um salto e de ingressar nessa nova era, da sociedade do conhecimento, desses mecanismos eletrônicos de toda parte.

Se forem aqui, na minha sala ao lado, o próximo Presidente não vai precisar assinar mais. Basta botar o dedo lá. Porque já são meios eletrônicos que registram a assinatura. E nós avançamos bastante, aqui, no *E-Government*, bastante mesmo, na introdução de técnicas eletrônicas para transmissão de informações, dentro da máquina governamental.

Mas a base disso tudo foi a possibilidade de termos um sistema de telefonia mais modernizado, de termos introduzido uma série de modificações que não precisamos citar, que nós todos conhecemos, que são, realmente, bastante impressionantes.

E isso já não se deve apenas a que, dentro do Governo, tenha havido uma certa compreensão. Acho que a formação da Anatel foi muito importante. E é importantíssimo manter-se essas agências com força e independentes. Porque, senão, é muito difícil assegurar a continuidade de contratos. E é muito importante que esse espírito prevaleça.

Mas o fato é que não teria sido possível fazer nada disso se o setor privado não estivesse, também, preparado, apto e disposto a correr riscos, a investir, a participar da privatização.

De vez em quando, vejo, aí, no Congresso – ouvia, agora ouço menos – críticas à privatização: “Onde é que foi o dinheiro?” Bom, não sei se hoje, se fôssemos privatizar, iríamos obter os resultados que obtivemos naquela ocasião. Vendemos 20% do que o Governo tinha. Só tinha 20%. Do que o Governo tinha, não. Vinte por cento que era tudo que o Governo tinha, por 28 bilhões de dólares, mais ou menos. Ou seja, vendemos tudo por 140 bilhões de dólares. Não sei se hoje o conjunto do que foi privatizado vale isso tudo. Desconfio um pouco que não. Um terço, pois é.

Então, privatizamos bem, num bom momento. Mas não é só isso. Não é só que houve ganhos para o Governo do país, do ponto de vista financeiro, mas é que houve o estímulo ao investimento.

E o que vocês fizeram foi fantástico. Quer dizer, realmente, o que houve de investimento aqui, não só nas companhias telefônicas, mas de produção de peças, de cabos, de não-sei-quê e toda essa complexíssima rede que se está montando, mostrou que a iniciativa privada brasileira e o setor técnico brasileiro – brasileiro, digo a *lato sensu*, porque muitos são estrangeiros que vieram – têm, na verdade, um dinamismo muito grande.

Tenho certeza de que, uma vez isso posto em marcha, como está posto em marcha, agora, nada vai deter, enfim, a continuação, com os azares da vida. Às vezes, melhora, às vezes, piora, se acerta, se erra. Depende do clima internacional. Mas isso é a base para que nós possamos realmente avançar nessa nova era de sociedade de informação, de sociedade do conhecimento.

De modo que acho que vocês são parte efetiva dessa modernização do Brasil, de preparar o Brasil, como estamos entrando nesse século, para que possamos avançar muito mais ainda. E sobretudo para que possamos alcançar, nas áreas sociais, vantagens maiores com a utilização desse instrumental hoje disponível, para que possamos realmente, na educação, na saúde, onde já se começa a ter algum efeito de tudo isso, avançar mais e mais. E como a população aqui é uma população que absorve com certa rapidez a novidade, não é conservadora, ela gosta da novidade, isso ajuda. Até mesmo novidades para tirar dinheiro da gente, como é o caso do fisco, porque, na verdade, toda a utilização de meios eletrônicos para prestação de Imposto de Renda, o que se fez aqui no Brasil, é único no mundo. Quase todo mundo utiliza a Internet para fazer a prestação de contas do Imposto de Renda.

Na medida em que isso for avançar mais e mais, generalizar o acesso nas escolas, nas universidades, nos postos de acesso da população, isso produz uma modificação efetiva nas condições de vida. E, como o tempo – eu sou otimista – produzirá também uma melhor capacidade de decisão política, porque aumenta o número de pessoas que estão infor-

madas e o Governo, crescentemente, tem que prestar contas, que é o que já está acontecendo. Nós prestamos contas incessantemente. E, agora, por exemplo, com o sistema Siafi, que controla o Orçamento. O Orçamento do Brasil é transparente. Não há o que tergiversar. É tudo transparente.

De modo que, ao agradecer essa manifestação, essa homenagem, quero dizer que aceito. Mas aceito como sendo nossa, para comemorar não o que eu fiz, mas o que o Governo fez e o que nós todos em conjunto fizemos.

Muitíssimo obrigado.